

# *Candolina Rosa*

Elizete Passos



Candolina Rosa  
(1921 - 1973)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor  
Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-reitor  
Francisco José Gomes Mesquita



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora  
Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial  
Ângelo Szaniecki Perret Serpa  
Caiuby Alves da Costa  
Charbel Ninõ El-Hani  
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti  
José Teixeira Cavalcante Filho  
Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes  
Alberto Brum Novaes  
Antônio Fernando Guerreiro de Freitas  
Armindo Jorge de Carvalho Bião  
Evelina de Carvalho Sá Hoisel  
Cleise Furtado Mendes  
Maria Vidal de Negreiros Camargo



Faculdade de Educação da UFBA

Direção  
Celi Nelza Zulke Taffarel

Vice-direção  
Iracly Silva Picanço

Coordenação da Pós-graduação  
Robinson Tenório

Vice-coordenação  
José Albertino Lordelo

Coleção Educadoras Baianas

*Candolina Rosa*  
*(1921 – 1973)*

Elizete Passos

EDUFBA – FACED  
Salvador – Bahia  
2009

©2009, by EDUFBA – FACED

Revisão

*Tania de Aragão Bezerra*  
*Magel Castilho de Carvalho*

Projeto gráfico: capa e miolo

*Angela Dantas Garcia Rosa*

Formatação

*Jeferson Bezerra*

Arte-finalização

*Genilson Lima*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

---

Passos, Elizete.

Candolina Rosa (1921-1973) / Elizete Passos. - Salvador : EDUFBA, 2009.  
50 p. - (Coleção educadoras baianas)

ISBN 978-85-232-0648-2

1. Cerqueira, Candolina Rosa de Carvalho, 1921-1973. 2. Educadoras - Bahia - Biografia. I. Série. II. Título.

CDD - 923.7

---

EDUFBA	FACED
Rua Barão de Jeremoabo, s/n	Programa de Pós-graduação
Campus de Ondina	Av. Reitor Miguel Calmon, s/n,
40170-115 - Ondina, Salvador - BA	Vale do Canela
Tel: (71) 3283-6164	40110-100 - Salvador - BA
Fax: (71) 3283-6160	Tels: (71) 2637262/2637269/2637272
www.edufba.ufba.br	faced@ufba.br
edufba@ufba.br	

# Sumário

---

## 7 Apresentação

### 13 Candolina Rosa de Cerqueira Carvalho: dados biográficos

---

14 Traços da sua personalidade

19 Morte

20 Homenagens recebidas

22 Ideal que movia sua vida

---

## 27 Perfil da Educadora

27 Formação

29 Saberes e sua aplicação na prática

34 Processo de avaliação

38 Cargos Ocupados

39 Mulher e educadora

## 43 A ética e a estética da educadora

44 Forma de apresentação

45 Origem dos seus valores morais

49 Referências



A Coleção **Educadoras Baianas** compõe-se de 08 livros<sup>1</sup> destinados aos cursos de Pedagogia, Magistério Superior e demais cursos de formação de professores, bem como a pessoas que se interessem pela História da Educação e pelos estudos de gênero.

A escolha das educadoras que são estudadas em cada um deles: Amélia Rodrigues (1891- 1926), Maria Luiza de Souza Alves (1862-1945), Guiomar Muniz Pereira (1895-1956), Anfrísia Santiago (1894-1970), Angelina de Assis (1915-1988), Irmã Querubina (1921), Candolina Rosa de Carvalho (1921-1973) e Leda Jesuíno (1924) se deu após a realização de uma pesquisa exploratória onde foram entrevistadas pessoas estudiosas da história da Bahia e da educação baiana, assim como levantamento e análise dos nomes de mulheres dados a escolas, bem como pesquisa em jornais da época.

A intenção era trabalhar com educadoras que se destacaram no cenário educacional, a ponto de serem lembradas e reverenciadas ainda hoje, pois nos interessava saber o que as tinha feito chegar a esse lugar de destaque numa sociedade em que o espaço público vem sendo destinado ao sexo masculino. Também procurávamos saber se elas eram provenientes de famílias de destaque social; se foram coerentes com os princípios, papéis e espaços concedidos ao sexo feminino ou se tiveram a “ousadia” e a

coragem de romper com o estabelecido e escreverem sua história, mesmo que fosse em uma área tradicionalmente feminina, como a educacional. Outras categorias referentes à sua formação foram agregadas: que autores as influenciaram? O que produziram com o conhecimento adquirido? Que trajetória fizeram?

Os livros retratam a saga de cada uma delas, com suas circunstâncias, facilidades e entraves, por isso possuem tamanhos que variam, apesar da nossa decisão ter sido por escrever textos sucintos, desde que não prejudicassem sua qualidade.

O trabalho é fruto de investigação cuidadosa e demorada em documentos, jornais, livros, resenhas e revistas; mas, principalmente, da história oral. A ausência de qualquer tipo de trabalho sistematizado sobre muitas delas nos fez entrevistar dezenas de pessoas, entre ex-alunas, companheiras de trabalho, mães, pais, dentre outros depoentes.

O que não teria sido possível se não tivéssemos contado com uma equipe de auxiliares de pesquisa, estudantes dos cursos de Filosofia, História, Sociologia e Pedagogia<sup>2</sup>; com o apoio do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM); da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, através do PIBIC; assim como do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), com a concessão de Bolsas de Iniciação Científica e de Produtividade em Pesquisa.

Em todos eles, trabalhamos com a memória histórica e social, a partir da memória individual e coletiva. O que à primeira vista pode parecer de menor importância, entretanto, um exame acurado vai revelar seu significado e alcance. Não é à toa que Le Goffe (1996, p. 426), afirma que:

[...] tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Compactuando com esta tese, inferimos que conhecer o ideal de mulheres/educadoras, a partir do seu corpo de saberes e dos seus valores morais, daquilo que foi revelado ou escondido na sua prática educativa, do que foi valorizado ou não pela sociedade, saber o porque elas foram destacadas e se estavam conscientes da relação entre os meios e os fins da sua ação educativa, é uma forma de desvelar sentidos, abordar valores e entender o contexto sócio-histórico.

A **Coleção Educadoras Baianas** fecha um ciclo de estudos que vimos realizando desde meados da década de 80 sobre a educação da mulher baiana, tendo como um dos objetivos recuperar a memória da educação feminina, por acreditar que a prática educacional é uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero ou de sua superação.

Nesse empenho, realizamos vários estudos de caso, tomando como objeto os colégios considerados matrizes formadoras da mulher na Bahia, tais como: o Instituto Feminino da Bahia, O Colégio Nossa Senhora das Mercês, A Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e a Faculdade de Filosofia, da mesma Universidade.

Com isso, acreditamos ter cercado a questão por todos os lados e, assim, ser possível, a partir da recuperação dessa memória, entender os silêncios e as falas, a que e a quem eles vêm servindo.

Intentamos com isto auxiliar na implementação de ações educativas em novas bases, onde a diferença não seja tomada como desigualdade, nem a educação seja transformada em instrumento de manutenção da mesma.

O presente livro e os demais que fazem parte da Coleção compõem essa trajetória e objetivos, porém, vão além, pois procuram abarcar a educação feminina na Bahia no presente século, após já termos estudado instituições educacionais voltadas para a educação feminina, termos mapeado o seu cotidiano, suas formas de disciplinamento e de poder e o tipo de mulher que elas produziram, volta-se agora para a figura da educadora, visando conhecer seu ideal educativo, sua consciência pedagógica, suas representações sociais.

Quase todas representam um modelo de educação tradicional, centrado na figura do educador e solidamente fundamentado em valores morais inspirados na religião católica, onde a educadora tinha como papel servir a Deus e transmitir valores e ensinamentos religiosos. Algumas registraram suas idéias e convicções sobre a educação em artigos e livros, como Amélia Rodrigues, Maria Luiza de Souza Alves e Leda Jesuíno, mas todas elas os praticaram com determinação e suas marcas são indelévels nas pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com elas na condição de alunas, colegas de trabalho ou colaboradoras.

Quanto ao sexo feminino, acreditavam que sua natureza era feita de amor, amor incondicional, amor materno. Não colocavam limites entre a mulher e a mãe, tão intrincada era a relação que elas estabeleciam entre as duas. A imagem da mulher-mãe traçada por quase todas se distancia do ser humano e se aproxi-

ma de entidades divinas. As expressões usadas por algumas delas para defini-la são esclarecedoras: “figura radiosa”, “bendita”, “sublime”, “sacrificada”.

O estudo sobre essas e outras educadoras que continuam na mente de muitas pessoas, mas se perdendo na poeira do tempo, há muito se fazia necessário. Através delas, desvendamos muito da nossa história, em especial da história da educação baiana e brasileira, sem contar que elas são matrizes da formação de gerações e gerações e segredam muito do que fomos e somos.

Este é o quinto livro da Coleção e trata-se da professora Candolina Rosa de Carvalho, tornando-se Cerqueira com o casamento.

Oriunda de família de poucos recursos econômicos, negra e órfã de pai a partir de quinze anos de idade, foi educada pela mãe, mulher forte e determinada, para vencer através da educação. Caminho que ela seguiu sem sacrifícios, pois gostava de estudar e comungava com o entendimento da genitora, consonante com os valores da época, em que a educação era o caminho seguro para uma vida digna.

Do sonho de ser médica, por uma questão de gênero agregada a dificuldades de ordem econômica, seguiu o caminho considerado “normal” para uma mulher, o de professora primária. Contudo, sua ânsia por conhecer sempre mais e seu compromisso com uma sociedade com mais igualdade e justiça social, a fez ultrapassar as fronteiras da universidade e licenciar-se em Letras e depois em Pedagogia.

Do ensino primário, chegou ao médio numa época em que ele era mais freqüentado por professores, pelo prestígio que

possuía e por lidar com jovens de ambos os sexos. A professora destacou-se no meio deles, por sua competência técnica, fruto de sua inteligência e esforço constante.

Considerada uma educadora exigente e rígida, fez uma carreira onde angariou a amizade dos alunos e o reconhecimento deles e de toda a sociedade baiana, a ponto de ser aclamada como uma das grandes educadoras do Estado da Bahia.

Considerando-se a pouca documentação sobre a trajetória da educadora em foco, o trabalho sustentou-se basicamente na história oral. Foram ouvidos colegas, alunos, amigos e familiares da educadora. Trabalhamos com a memória dessas pessoas, mesmo sabendo que ela se altera com o tempo, mas conscientes que as lembranças nos dão condições de pensar o que foi vivido.

## Notas

- <sup>1</sup> No momento, estamos apresentando ao público 06 deles, os dois restantes sobre as educadoras Maria Luiza de Souza Alves e Irmã Querubina estão em fase final de redação.
- <sup>2</sup> Como foram muitos, uma vez que ingressaram na pesquisa um número significativo, pois fazia parte da política do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) capacitar novos pesquisadores; e participaram do trabalho em momentos distintos, preferimos não nomeá-los a fim de não cometer injustiças.

## Candolina Rosa de Cerqueira Carvalho: dados biográficos

---

Filha de Cândido Nelson de Carvalho e de Isabel Rosa Gomes de Carvalho nasceu na cidade de Salvador no dia 12 de setembro do ano de 1921. Aos quinze anos de idade ficou órfã de pai, passando a receber de forma determinante a influencia da mãe, que orientava os filhos a não buscarem bens materiais e sim uma vida correta e condições para viver com dignidade, vendo a educação como o caminho seguro para quem não tinha bens de família como era a situação de futura educadora.

Em 1950, casou-se com Francisco de Moraes Cerqueira, com quem teve cinco filhos, sendo três do sexo feminino e dois do masculino. O falecimento prematuro do marido quando ela tinha apenas trinta e oito anos de idade, com cinco filhos pequenos, o mais novo com menos de três meses de idade, a fez enfrentar sérios problemas para criá-los, pois dentre outros, dois deles eram portadores de doenças graves.

Seguindo a convicção da sua mãe, no sentido de acreditar que a educação era a porta para o sucesso, educou os filhos com esmero, a ponto dos mesmos destacarem-se nas salas de aulas, e criou em sua própria residência uma escola a fim de facilitar os estudos de uma das filhas que tinha dificuldades para freqüentar a escola tradicional. Fruto do seu esforço, todos os filhos realizaram cursos e seguiram carreiras consideradas de prestígio à

época: as mulheres fizeram cursos de Medicina e os homens de Engenharia.

### Traços da sua personalidade

Candolina é apresentada por quem a conheceu como uma pessoa, amiga, generosa, rigorosa, rígida e simples. A simplicidade era visível na sua forma de vestir, como na maneira como tratava as pessoas. Dizem que tratava o gari e a empregada doméstica da mesma forma como lidava com médicos e colegas de trabalho, por exemplo. Ao chegar em uma residência procurava conversar com as pessoas que lá trabalhavam, sem preconceito nem superioridade. Como relembrou uma colega de trabalho:

[...] ela conversava muito simples com qualquer pessoa, pobre, rico, preto, branco, para ela não tinha diferença.

O rigor e a rigidez são características que também a marcaram fortemente, trazendo um saldo de insatisfações, críticas e preconceitos especialmente por parte dos alunos. Mesmo reconhecendo que a professora foi se modificando ao longo da sua trajetória profissional, em decorrência da maturidade e dos constantes cursos que fez, ficou a marca da “megera”, “carrasco” e da “mulher-macho”.

Essa fama chegava aos locais onde ela ia trabalhar antes mesmo dela se apresentar no local. Os discentes a temiam e torciam para não tê-la como professora; entretanto, sabiam que se o fossem teriam que estudar bastante, mas também aprenderiam, pois ela não compactuava com o faz-de-conta que ensina e que se aprende, exigia uma verdadeira aprendizagem.



Também faz parte do perfil da educadora a generosidade, a bondade, a competência e a combatividade. Recebia na pequena escola que fundou, em sua casa, muito mais alunos que não podiam pagar do que o contrário; ouvia as pessoas, orientava-as e ajudava materialmente. Como registrou o jornal *Diário da Bahia*, no mês de abril do ano de 1973:

[...] não obstante sua ascensão em nosso meio educacional, conservou-se sempre a colega e professora sempre amiga e muito humilde mesmo. Estava sempre pronta para nos ouvir e até aconselhar, quando era o caso. Tinha sempre nos lábios um sorriso sério e uma expressão acolhedora. Ficávamos sempre muito à vontade quando conversávamos com ela. Os seus alunos de classe e os das escolas que dirigiu lhe admiravam principalmente pela simplicidade e pela sua naturalidade, com os jovens manteve um permanente diálogo.

Nesses e em outros momentos a severidade conferida à professora pode ser colocada em questão. Os mesmos alunos que a criticavam percebiam que em essência ela era uma pessoa amiga e solidária, usando a severidade e a exigência como mecanismos para conseguir manter o respeito dentro da sala de aula e levá-los a se dedicarem aos estudos. São muitos os exemplos encontrados nos depoimentos que conseguimos coletar, dentre eles, destacamos uma “peça” teatral encenada pelos alunos do Colégio Estadual Severino Vieira, estruturada em torno de um suposto diálogo entre um ex-aluno da professora e seu anjo da guarda. O diálogo conduz à conclusão que a Professora Candolina era  $\frac{3}{4}$  de coração e alma, “muita fumaça e pouco fogo”, ou seja, sua rigidez e intolerância não passavam de fachada, encobrendo uma pessoa boa, amiga e compreensiva.

A “peça”, expressão da compreensão dos alunos sobre o que consideravam ser realmente Candolina, apresenta outras qualidades, como sua sabedoria, competência e dinamicidade. Nela, o suposto anjo se diz cansado, pois a educadora “pilha e sacode quem está por perto”; o aluno, seu interlocutor arrisca que ela além de saber muito Português ainda é uma “teóloga”, espécie de bruxa, que conhece bastante a alma humana:

[...] Mas como ia dizendo, Candolina é o que se pode chamar de uma teóloga (vocabulário angelical) conhece mais a gente do que nós mesmos. Está catalogada ‘lá’ como católica racional, praticante e atuante<sup>1</sup>.

Os depoimentos colhidos confirmam que seu agir não se dava por acaso e por pura obrigação:

Tudo o que ela fazia era com paixão. Estudou com paixão, ensinou com paixão, casou com paixão, teve os filhos com muita paixão, criou com muita paixão. Aquela coisa linda mesmo. Muito forte. (Depoimento de uma ex-aluna da década de 50)

Esta forma de ser a fazia uma amante da vida, participante de todas as suas dimensões, fossem formais ou informais, do espaço privado do lar ou do público, das escolas e da sociedade. As depoentes falam que a educadora era ainda: alegre, corajosa, voluntariosa e dinâmica. Para ela não existiam problemas sem solução, nem dificuldades que a demovesse de enfrentá-las. Como confirmam as falas seguintes:

[...] ela era uma pessoa extremamente corajosa, nunca vi dizer que Candolina tenha deixado de dizer o que pensava por medo. (Ex-aluna particular)

[...] ela era assim muito enérgica. Então queria ver tudo ali certinho, tudo direito. E queria ter bons resultados com os filhos. (Depoimento de uma amiga de infância)

[...] ela era uma pessoa muito dinâmica, muito alegre, inteligente, tinha muita iniciativa. Era uma pessoa agradável, alegre e resolvia os problemas, é assim que eu me lembro dela. (Depoimento de uma amiga e colega da educadora)

Seu dinamismo, espontaneidade e vontade de servir, a faziam ser notada em todos os locais por onde passava. Em todos era convidada para exercer alguma atividade, especialmente para secretariar, pois além de saber escrever era diligente e não permitia que as coisas ficassem sem solução.

Este perfil se esbarrava em muitos empecilhos em decorrência da formação androcêntrica da sociedade que não estava acostumada nem autorizava às mulheres terem liberdade para agir, colocando a profissão em primeiro lugar. Decerto Candolina não rompeu com o modelo na sua totalidade, pois cumpriu fielmente o papel de mãe, determinante máximo da feminilidade em nossa sociedade. Entretanto, o fato de ser professora do Ensino Médio, lidar com jovens inclusive do sexo masculino e ter uma vida de trabalho que exigia a sua ausência de casa, quase em tempo in-

tegral, desagradava em especial ao marido que a queria como as demais mulheres: rainhas do lar.

Por necessidades concretas, mas, especialmente por convicção e força de vontade, ela não se deixou amedrontar e seguiu exercendo uma vida profissional ativa. Como lembrou uma das suas filhas:

[...] ela não deixava que o marido a proibisse em nada, ela era uma pessoa muito independente.

Candolina também fugia ao modelo de mulher da época, tanto pelo preparo técnico, conhecimento geral quanto pela atitude combativa. Nas reuniões destacava-se dos demais, inclusive dos homens, ao expor suas idéias e defendê-las com propriedade, segurança e ponderação.

Essa não era a postura das mulheres, nem mesmo das detentoras de educação elevada, pois tinham receios de desagradarem aos homens e não encontrarem casamento<sup>2</sup>. Mesmo diante da ameaça, Candolina quebrava os padrões estabelecidos, marcando presença por onde passava, não com futilidades, nem como peça de decoração, como era comum com as mulheres naquela época, mas como uma pessoa de idéias próprias e causas ideologicamente fundamentadas.

A síntese dessa personalidade tão controvertida é oferecida pelos seus próprios alunos inclusive na referida peça teatral, ao afirmarem que era impossível deixar de gostar de Candolina, que ela cativava a todos com suas lições de vida e simpatia<sup>3</sup>.

São os mesmos alunos que nos dão outros indicadores do que representava a Professora Candolina para eles, ao deixarem gra-

vados no livro de lembranças do Colégio Severino Vieira, assinando como “Os Clássicos”:

[...] no futuro nos encontraremos; até lá vivamos das boas lembranças. D. Candolina: estas são as folhas da nossa alma, muitas coisas estão hoje escritas nela por vossa influência. E... não vos esqueçais que sois responsável por nós da mesma forma que o somos por vós. Com um abraço: Os Clássicos.

Também deixam claro o orgulho que sentem por terem sido alunos do Colégio, pois ele era o celeiro de grandes mestres<sup>4</sup>. Sentiam pelo Colégio uma eterna saudade, pelos homens e mulheres que souberam tão bem guiarem os seus passos, que os legaram uma herança de conhecimento e cultura. Claro que o reconhecimento era extensivo a Candolina, que tão bem representou o Colégio Severino Vieira nos seus melhores tempos.

## Morte

Faleceu no dia 04 de abril do ano de 1974, vítima de um câncer de mama. A doença, por muito tempo foi guardada em segredo, como forma de não preocupar os parentes e amigos. Continuava levando uma vida “normal”, sem interromper o trabalho: houve momentos em que, estando em cargo de chefia, deslocou-se para a escola amparada em parentes e colegas. Também, do leito, quando a doença já estava em fase adianta, recebia as pessoas, dava orientações, assinava documentos, encaminhava os assuntos pendentes.

Sua morte foi recebida com pesar pelos órgãos oficiais da educação, por seus alunos e a sociedade como um todo. Ao velório

e ao sepultamento acorreram inúmeras autoridades, centenas de alunos dos mais diferentes estabelecimentos educacionais, bem como colegas. Todos queriam prestar-lhe a última homenagem, como enfatizou o referido artigo do *Diário Oficial*, porque:

[...] sua vida foi um exemplo de luta e perseverança – semeou o bem e espalhou a paz – foi uma das educadoras mais completas na acepção do termo. Pela grandeza de seu espírito nos legou magnífico exemplo, que nos confortará sempre que sentirmos a sua falta.

### Homenagens recebidas

São muitos os gestos de reconhecimento pela qualidade do trabalho educativo desempenhado pela educadora. O *Diário Oficial* do Estado da Bahia, de abril de 1973 registrou que a Secretaria de Educação e Cultura do Estado havia batizado o auditório do Ginásio Estadual Ministro Pires de Albuquerque com o nome dela. A notícia vem acompanhada por uma justificativa que afirma ter sido ela uma das maiores educadoras da Bahia. Do mesmo modo, ressalta sua incansável procura de atualização do seu conhecimento:

[...] uma justa homenagem, fazendo lembrar a figura de uma das melhores educadoras da segunda metade do século em que vivemos. Não obstante haver falecido antes de completar 52 anos de vida, dos quais trinta e dois dedicados ao magistério e à educação [...] buscou ampliar a sua cultura pedagógica, renovar os seus conhecimentos, ganhar novas experiências, não obstante o elevado conceito de que gozava em nosso meio educacional. (DIÁRIO OFICIAL, abril, 1973).

O jornal *A Tarde*, de junho de 1983, noticiou outra homenagem prestada pelos poderes públicos ao trabalho desenvolvido por Candolina na área da educação na Bahia: a criação de uma escola de Primeiro Grau com o seu nome, anexa ao Complexo Escolar Marquês de Maricá, situado à rua Lima e Silva, no bairro da Liberdade em Salvador.

Também o *Diário Oficial* do dia 15 de junho do ano de 1973 registra que a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia concedia à educadora Candolina Rosa de Carvalho Cerqueira, *post mortem*, o Diploma ao Mérito Barão de Macaúbas.

Outras homenagens foram prestadas pela sociedade, dentre elas o destaque vai para um bloco carnavalesco, Muzenza, oriundo do populoso bairro da Liberdade, especialmente habitado pela comunidade negra, que como forma de homenagear a educadora, também negra, institui o Troféu Professora Candolina, à rainha da entidade. Outra homenagem significativa foi feita por um aluno, cantor ilustre, que compôs uma música dedicada à mestra considerada um tributo de amor a ela.

As homenagens continuam, pois como noticiou o jornal *A Tarde* do dia 10 de setembro do ano 2000, a escola que leva o seu nome, convidava a todos para uma missa *in memoriam* da patrona.

Candolina é homenageada e reconhecida como uma grande educadora pelo seu trabalho, pois não possuía posição social destacada, não fazia parte de família ilustre nem deixou nada escrito. Todos guardaram o conceito dela como grande conhecedora da língua portuguesa, amiga dos alunos, apesar do rigor com que os tratava, e exemplo de vida. Isso é admitido por quem a reverencia, como suficiente:

[...] se nunca se dedicou à literatura, se nada deixou escrito, não faz mal, teremos da própria vida uma verdadeira página para a antologia. (Artigo de um grupo de ex-alunos, s/d)

## Ideal que movia sua vida

Era uma católica praticante que freqüentava missas aos domingos, confessava, comungava e participava da Ordem Terceira de São Francisco, da Congregação Mariana, da Pia União de Santo Antonio e da Medalha Milagrosa.

Essas vinculações não se davam de forma superficial, mas traduziam seu sentimento de união e compromisso social e se concretizavam em ações que iam desde a organização e realização de eventos, onde ela participava ativamente, colocando a serviço da causa seu conhecimento de português e sua determinação, iniciativa e capacidade de trabalho; até o acolhimento de pessoas carentes ou vindas do interior para tratamento de saúde em sua própria residência. Os padres que a conheciam sabiam do seu desprendimento e capacidade de servir, como lembrou uma das suas filhas:

[...] tinha um frei na Igreja de São Bento que quando tinha uma velhinha, alguma grávida, alguma criança precisando de abrigo, chamava ela e botava lá em casa. Tinha época de ter três, quatro hóspedes que ficavam assim por tempo indeterminado, iam ficando, sabe?

Como sabia cantar muito bem, também contribuía com a Igreja Católica participando de corais, como o da Igreja de São Francisco. Porém, apesar de intensa participação nas obras da



igreja, dizem que ela não o fazia de forma fanática, mas como uma orientação ética e filosófica, de amar a todos, como o Cristo havia ensinado e viver de forma simples seguindo as pegadas de São Francisco de Assis.

Com a mãe, que se tornou chefe da família quando ela tinha 15 anos e ficou órfã de pai, aprendeu que o estudo era a forma mais segura e correta de se “ganhar a vida”. Esse ideal a orientou em sua vida pessoal, investindo ininterruptamente em seu próprio aperfeiçoamento e na formação dos filhos. No campo profissional, comprometia-se em ajudar os alunos a se apropriarem de um conhecimento que deveria ser base do seu sucesso profissional e pessoal.

Seu envolvimento com a educação, mesmo tendo sido conduzida a ele por uma questão de gênero, pois naquele momento, não era permitido às mulheres seguirem outra carreira, como a de médica, que era o ideal de Candolina, no início dos anos 40, não a impediu de se realizar com o que fazia. Os dados apontam para uma escolha acertada, pois havia internalizado o que era dito em casa por sua mãe sobre o valor e os poderes da educação. Assim a realizou com autonomia e até autoridade, sem medo de ser considerada destituída de qualidades ditas femininas, como a meiguice, o medo e a convivência.

Assim, seu ideal pessoal e profissional origina-se de suas convicções religiosas e ideológicas. Viver com simplicidade e solidariamente não excluía pensar e seguir uma profissão que pudesse garantir a sobrevivência digna. Acreditando nisso e no poder da educação como redentora dos desmandos sociais, um dos grandes objetivos de sua vida foi prover as pessoas de educação, es-

pecialmente aquelas com poucas condições econômicas. Em sua experiência de vida, investiu na educação competente de jovens da rede pública de ensino, em parte, na alfabetização de prostitutas, segmento para o qual ela tinha outras propostas a serem desenvolvidas no futuro.

Ela acreditava que através da educação poderia resolver todos os problemas. Por isso, sua atitude exigente e rigorosa com os alunos, bem como com os filhos e familiares, no sentido de escreverem bem, de dominarem as regras gramaticais, de falarem bem, porque acreditava que isso lhes abriria as portas para o sucesso profissional. Orgulhava-se de participar desse processo e exigia que seus alunos tivessem um diferencial, queria que eles pudessem dizer com orgulho que foram alunos de Candolina; mais do que isso, que o fato de terem sido alunos dela, de terem sido aprovados em sua disciplina, depusesse sobre a capacidade e empenho dos mesmos.

[...] eu tenho a impressão de que ela queria que a educação, o saber, chegasse a todos [...] tinha compromisso com a sociedade, com a educação. Você notava que ela se preocupava muito com as famílias no sentido de conduzir os filhos para o estudo, porque ela sabia que o estudo conduzia os jovens para um futuro melhor. (Depoimento de uma colega da educadora)

Há unanimidade nos depoimentos quanto aos ideais da educadora. Neles não incluíam causas políticas, nem desejos narcisistas, mas compromisso social e religioso, assim como a certeza da educação como um caminho seguro para se fazer frente aos problemas sociais.

Diante do que, assumiu a profissão de professora como uma escolha acertada, não se lembrando, ou pelo menos não demonstrando que desejou ser médica e foi levada a enveredar por outro caminho por preconceitos de gênero e impedimentos de ordem econômica.

A professora não se considerava uma pessoa ligada à política, não era filiada a nenhum partido, também não fazia parte do rol dos intelectuais tidos como comunistas<sup>5</sup> nos anos 60, entretanto tinha uma prática que demonstrava sua consciência política. Por exemplo, ajudando os alunos em suas lutas a favor da abertura do grêmio estudantil, na defesa do ensino público e contra toda forma de repressão. Sua consciência também a fez dar apoio e até abrigo, em alguns momentos, a perseguidos políticos, tudo em nome de suas convicções a favor da liberdade e da igualdade.

Essa consciência estava presente em sua sala de aula de várias maneiras: investindo em uma educação crítica capaz de levar os alunos a pensarem, e terem autonomia; incluindo em sua bibliografia e material didático, textos políticos e filosóficos; possibilitando a politização dos alunos e seu compromisso com uma sociedade mais justa.

## Notas

<sup>1</sup> Trabalho redigido por alunos do então Ensino Médio do Colégio Severino Vieira. Cópia cedida por um entrevistado.

<sup>2</sup> Na década de 40, na Bahia, foi fundada a Faculdade de Filosofia como um espaço para o sexo feminino que reivindicava mais oportunidades de estudo. As mulheres que lá chegavam viviam o drama de não amedrontarem os homens, de não demonstrarem mais conhecimento do que eles, a fim de não melindrá-los, assim, explicitavam que buscavam a faculdade apenas para

darem nível universitário ao lar. O assunto é discutido por Elizete Passos, no livro *Palcos e Platéias – a identidade de gênero na Faculdade de filosofia*, 1995.

- <sup>3</sup> O referido diálogo entre o ex-aluno e o anjo da guarda da educadora afirma: “[...] com tanto estudo da afilhada (deve ser este o termo), tornei-se erudito. Sei Psicologia, Sociologia, Pedagogia e outras “gias”. Estatística, Filosofia, Francês, Espanhol, Italiano (um pouco), Português (é piada) então duvide que para o ano eu esteja sabendo Chinês, Indo-europeu, Geologia, Física Nuclear ou coisa que o valha. Puxa! Vocês são a própria Enciclopédia Britânica ampliada!! Enciclopédia? Eu? Nunca, nós não sabemos apenas por “diletantismo” e sim para aplicar no nosso mundo, tanto que ela ensina em quase todos os colégios da Bahia: 7 horas, Nazaré, 8 horas, Alagados, 9 horas, Barra, 10 horas, Centro, 12 horas em casa...Mudando de assunto, vocês gostam dela? Ora seu rabugento! Quem conhece D. Candolina é obrigado a gostar dela, ela transmite uma espécie de onda que cativa a todos: é simpática. Grandes lições de vida devemos a ela. Deu-nos o lê,a: “Devemos entregar a carta a Garcia” ( Peça teatral escrita pelos alunos do Colégio Estadual Severino Vieira).
- <sup>4</sup> Uma ex-aluna do colégio Estadual Severino Vieira, hoje escritora de obras infanto-juvenil, relembrou desses mestres em artigo publicado no jornal *A Tarde* do dia 22 de junho do ano de 1998: “[...] Os professores eram amigos e amados por nós alunos. Recordo-me de alguns pré-nomes deles: Candolina, Iramãia, Nilda, Raimunda, Bárbara, Joel, Lourdes, Mr. Edson, Elisa, Engrácia e muitos outros que foram “baluartes fortes” na nossa educação.
- <sup>5</sup> “[...] era uma pessoa muito séria, uma pessoa que como princípio, o que eu tava dizendo a você, não rotularia de socialista nem de comunista teoricamente, né? Era uma pessoa muito preocupada com questões sociais, em... relacionadas com igualdade, né? A gente... ela colocava sempre textos, estávamos muito politizados” (depoimento de uma ex-aluna).

Conhecer uma educadora pressupõe investigar sua formação no sentido lato da palavra, ou seja, seus aspectos formais e informais, pois exige conhecer suas experiências, interações sociais e trocas. Como diz Nóvoa (s/d, p.115): “conhecer uma pessoa é conhecer o seu percurso de vida”.

Não basta conhecer onde e como se deu sua formação técnica, faz-se necessário mapear e entender seu percurso, tais como: os valores que influenciaram os conceitos que se tinha sobre os gêneros, pois a identidade pessoal se articula com a social e a profissional. É esta articulação que buscaremos identificar e analisar no presente capítulo.

### Formação

Aos dezoito anos de idade diplomou-se em professora primária, pela Escola Normal da Bahia; em 1949, em Línguas Neo-Latinas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade da Bahia; em 1970, concluiu o Curso de Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e, depois, em Administração Escolar, pela Faculdade de Educação da Bahia, não satisfeita, pois acreditava que a formação do educador estava sempre em processo, foi selecionada para o Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1967, o qual

não conseguiu terminar, pois veio a falecer no percurso. No ano do seu falecimento, os jornais locais noticiaram com pesar e registraram que ela tinha sido a primeira professora na Bahia a ter duas licenciaturas e três especializações.

Candolina era considerada uma pessoa inquieta, no sentido de quem não se satisfaz com o conhecimento adquirido nem com a qualidade do trabalho realizado. Vivia em busca de novas informações, maior aprofundamento teórico e melhor desempenho na vida profissional e pessoal. Como relembra uma das suas filhas:

[...] e tem essa coisa dela sempre está estudando, sempre está se aperfeiçoando, sempre procurando aprender alguma coisa. Se ela fosse viva, ela já tinha entrado em outra faculdade. Ela estava sempre fazendo curso, seminário e dava muitos cursos também, participava de muitos seminários e cursos sobre pedagogia, não só isso, educação em geral. Ultimamente não só era português em si, mais sobre esse lance de pedagogia, que era o que mais interessava a ela em termos de estudo teórico, embora português fosse o dia a dia do trabalho dela, mas quando ia estudar, ela estudava mais assim, pedagogia, psicologia, nessa linha.

Esse é um mérito dela reconhecido por todos os que a conheceram. Numa época em que a maioria das mulheres ocupava-se com o ensino primário e não pretendiam evoluir nem nos estudos nem na carreira, por achar que aquela era mais do que suficiente para quem tinha a maternidade como sua principal responsabilidade, Candolina além de estabelecer no Ensino Médio e de cursar duas faculdades, continuava ávida por maior especialização.

ao conhecimento técnico da disciplina por ela ensinada. Preocupava-se com a educação, com o fazer pedagógico, estudava outros conteúdos distintos do que cotidianamente ensinava e procura colocar tal conhecimento em prática. O que fazia, com seus alunos de português, vendo-os e tentando conduzir sua prática pelas teorias psicológicas e pelos princípios pedagógicos, assim como construindo seu próprio colégio<sup>1</sup> e ainda aplicando-os em atividades voluntárias que fazia<sup>2</sup>.

Os cursos que fez após sua formação básica, deram-lhe possibilidades de diversificar o seu fazer pedagógico, atuando em funções administrativas e levando-a a refletir sobre sua ação pedagógica, entretanto, destacou-se como professora de Português em escolas da rede privada e especialmente da rede pública, tais como o Colégio Severino Vieira, no bairro de Nazaré, Colégio Central, João Florêncio Gomes, na cidade baixa e Lomanto Júnior, no bairro de Itapoã<sup>3</sup>.

A vida de trabalho era tão intensa que os depoentes<sup>4</sup> chegam a afirmar que ela era só presença, no sentido de estar sempre em algum local de trabalho e em seguida em outro e assim sucessivamente.

## Saberes e sua aplicação na prática

### Método de ensino

Para a maioria dos alunos ela era austera, não permitia intimidades, nem conversas em sua sala de aula. Do mesmo modo, não se intimidava com reclamações deles, nem se sensibilizava com choros diante de uma nota baixa, por exemplo. Diferente de ou-

tros professores considerava tudo aquilo normal e sugeria que o aluno estudasse para não passar outra vez pela situação.

O índice de reprovação ou, pelo menos, de recuperações, era grande nas turmas ministradas por Candolina. Mesmo diante da dificuldade de serem aprovados em sua disciplina, os alunos não tentavam a “pesca” porque estavam preocupados demais e não tinham disposição para dispersarem energias com a prática, que, se descoberta, seria motivo para uma reprovação sumária.

Muitos alunos não entendiam nem concordavam com a atitude rígida da educadora e com suas técnicas metodológicas que incluíam provas difíceis, arguições, memorização de poesias, que eram cobradas inesperadamente e respondiam com severas críticas. Como relembra uma ex-aluna da educadora no período de 1949 a 1952:

[...] muita gente não gostava dela. Quem não gostava dela, a primeira coisa que dizia era isso: ‘Ai meu Deus lá vem aquela nega [...]’, ‘[...] lá vem a mulher macho’, fazendo assim uma forma depreciativa.

O mesmo tipo de depreciação foi constatado nos anos 60, porém, trazendo um elemento novo, o reconhecimento à sua competência e compromisso com o aprendizado deles:

[...] lá vem a fera, vamos entrar logo, a prova vai ser difícil... Agora, alguns sentiam gratidão por ela. As meninas na sala diziam: “não! Ela está fazendo isso é para o bem da gente. Dê graças a Deus por a gente estar recebendo esse ensinamento. [...] pela competência dela, agora, outros não entendiam. (Depoimento de um aluno do final da década de 60)



Apesar da exigência, ela era criativa, incentivando e ensinando os alunos a experimentarem novas técnicas como seminários, trabalhos em grupo e dramatizações. Por exemplo, ela dividia a turma em equipes, distribuía capítulos de livros, dava um tempo para leitura e discussão e depois abria para apresentação à classe: também apresentava aos alunos obras de poetas nacionais, estrangeiros e locais, pedia que eles escolhessem poesias para serem decoradas e posteriormente declamadas em sala, ao tempo em que os ajudava a compreender as idéias do autor. Como dizem:

[...] ela trazia pra gente cultura mesmo. Foi assim uma coisa maravilhosa, ela completava mesmo o que a gente estava aprendendo de português. (Depoimento de uma ex-aluna de colégio público)

Também era comum o exercício da paráfrase. Os alunos recebiam trechos de jornais e eram levados a traduzi-los com sinônimos, o que possibilitava grande crescimento do vocabulário e mais facilidade de expressão. Os ex-alunos relembram dessa prática com reconhecimento:

[...] agora eu tenho uma grata satisfação, uma recordação de um ponto que ela deu chamado paráfrase, que era a tradução do texto só com sinônimos, você lê o texto todo e faz a sinonímia do texto todo, palavra por palavra, rapaz! Isso é um enriquecimento de vocabulário incrível. (Depoimento de um ex-aluno de 1955)

Suas aulas eram consideradas construtivas e agradáveis por uns e enfadonhas por outros. Há quem afirme que antes de iniciar o assunto técnico, ela procurava motivar os alunos falando de situações concretas da vida, onde recorria à sua vida pessoal e

familiar, assim como à natureza. Sugeria que eles observassem os fenômenos da natureza, contemplassem o mar, procurasse entender dentro do seu silêncio a mensagem que transmitia. Outros dizem que eram aulas ditadas, durante as quais ela permanecia sentada.

Entretanto, apesar das críticas destrutivas, existe uma preponderância das positivas, fruto do reconhecimento da sua competência técnica e das suas qualidades humanas. Muitos ex-alunos reconhecem que ela abria-lhes as portas da cultura, dando-lhes oportunidades de conhecerem obras clássicas de filosofia, sociologia e política, por exemplo. Como demonstra o depoimento a seguir de um ex-aluno da década de 60:

[...] aliás foi através da Professora Candolina, que eu tomei conhecimento dos primeiros textos sobre política, vamos dizer assim de forma profunda. A primeira vez que tive nas mãos o Manifesto Comunista de Karl Marx. Professora Candolina passou pra gente fragmentos dele e indicações para lermos livros de política e noções básicas de filosofia.

Essa é uma atitude que demonstra a coragem da educadora, mas ainda, o seu compromisso com uma educação crítica e não apenas tecnicamente perfeita. Isto porque, essa foi uma época de grande pressão política, onde muitos intelectuais tiveram sua liberdade cerceada pelo simples fato de terem em sua biblioteca livros considerados subversivos<sup>5</sup>.

Suas aulas de português também contemplavam o melhor da literatura: Machado de Assis, Eça de Queiroz, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Gilberto Freire, Clarice Lispector e Jorge

Amado. Também nisso é possível ver sua seriedade profissional e mais do que isso, sua atitude intelectual livre de preconceitos. Sabe-se o quanto, por exemplo, os livros de Jorge Amado foram excluídos dos programas de disciplinas por serem considerados moralmente condenáveis. A educadora enfrentava os possíveis preconceitos à sua opção, decerto, apoiada em sua competência técnica e comportamento moral inquestionável.

A partir dos anos 60, após ter entrado em contato com outras teorias da educação, seu comportamento tornou-se ainda mais liberal na relação com os alunos e na sua relação com os preconceitos socialmente definidos para uma educadora naquele momento. Incentiva a leitura e a escrita dos alunos, não como cópia de modelos existentes, mas respeitando-se o estilo de cada um, sua criatividade e liberdade de pensamento. Também nisso os alunos e colegas de trabalho reconhecem sua postura crítica e sua tendência para a liberdade. Chegam até mesmo a identificar um comportamento anárquico quanto a enfrentamento das normas educacionais em vigor e da tradição de educação hegemônica. Dizem que ela não fazia chamada, não pedia explicações aos alunos quanto à sua ausência, nem pedia atestado médico como condição para fazer uma prova fora do prazo. Nessa época, ela passou a ser considerada “liberal”, porém, manteve os critérios de seletividade para as “regalias” que não incluíam os alunos relapsos e irresponsáveis.

Assim, seu método de trabalho consistia em técnicas consideradas ultrapassadas e outras atuais, seguindo o seu próprio momento e maturidade intelectual, sua visão de mundo e seu compromisso com o ensino de qualidade. Para ela, caminho seguro

para se alcançar o sucesso profissional e pessoal, em especial, para as pessoas de camadas trabalhadoras que não possuíam bens de família nem outras formas de ganhar a vida<sup>6</sup>.

Em suas aulas procurava informar, formar e transformar. No primeiro aspecto, colocava-se como fonte de informação sobre as mais diferentes notícias nacionais e internacionais, fruto das suas leituras de jornais, o que era de fundamental importância numa época em que a televisão não existia e, mais tarde, quando ela ainda era de pouco acesso das camadas menos privilegiadas economicamente. Também consideramos suas aulas formadoras, pois a educadora, como dissemos, levava os alunos a aprenderem não só as regras gramaticais como também a ciência, a filosofia e a política; do mesmo modo, visava à transformação da postura física dos alunos, forma de escrever, asseio nos trabalhos e até a maneira de se comportar.

Sua exigência não a impedia de tratar a todos com respeito, incentivando os bons alunos e procurando desestimular a preguiça, os atos desonestos, como a aquisição de boas notas através da pesca e a “bagunça” em sala de aula. Sabendo disso, muitos alunos diziam que não tinham medo dela e sim respeito, pelo que ela era enquanto profissional e pessoa que sabia valorizar o ser humano.

### Processo de avaliação

Nele recaíam as mais ferrenhas críticas sobre a educadora. Naquele momento, e seguindo o modelo de educação tradicional, as provas consistiam quase que na única forma de examinar os alunos. Sim, porque eles se sentiam e a educação assim o

queria, sendo classificados, rotulados, medidos e não avaliados. Dizem que eram provas com cinco questões, cada uma valendo dois pontos.

[...] ela distribuía quatro quesitos e uma leitura. ‘Você, abra o texto na página dezoito, você, na página vinte e seis, eu na página doze, você na página trinta e cinco’. Cada um interpretava um capítulo dentro da mesma prova. (Depoimento de um ex-aluno do ano de 1962)

Além das provas previamente marcadas pela escola, a professora realizava outras atividades com o mesmo objetivo, sem prévia definição. Eram argüições, interpretações de texto, significados de palavras, memorização de poesias. Essas atividades eram parte de um processo de “avaliação” ou formas de punição e pressão sobre os alunos:

[...] então, ela chagava lá o dia que ela não estava católica, no dia que o horóscopo não estava bem, ela chegava e dizia: argüição. A palavra exata era esta, argüição. Então ela mandava ler um texto de Machado de Assis, gostava muito de Machado de Assis, José de Alencar e aí mandava a gente ler e interpretar, ela tirava duas ou três palavras difíceis, então ela dizia: explique aí. (Depoimento de uma ex-aluna da década de 60)

Os alunos que prestavam mais atenção no processo ensino/aprendizagem exercido pela educadora, sabem que ela não cobrava o que não devia, nem fazia exigências desumanas e irresponsáveis, ao contrário:

[...] ela dava as tarefas, dava o conteúdo e cobrava as tarefas da gente. Ela era muito respeitosa, ela respeitava todo mundo e também era exigente na relação. As relações com ela eram muito ‘mão dupla’ mesmo. Ela gostava dos alunos, ela respeitava e também exigia respeito. (Depoimento de um ex-aluno da década de 60)

As queixas dos alunos eram muitas, começando pela atitude autoritária da educadora, impondo atividades sem consultá-los e, às vezes, visivelmente como uma forma de punição.

De fato, a professora, como legítima representante de uma época, onde o processo educativo era centrado no professor, a quem competia à responsabilidade pelo ensino técnico, mas principalmente, pela formação moral, colocava-se numa posição vertical em relação aos alunos. Contudo, dado à sua forma de ser, essa distância só se fazia real como forma de impor respeito e especialmente garantir o estudo e o aprendizado dos alunos. Como eles mesmos afirmam hoje, lembrando, mas também analisando o acontecido no passado, ela não se dava bem com os alunos brincalhões e irresponsáveis, do mesmo modo, eram eles os que não gostavam dela e davam-lhe conceitos e estereótipos.

Apesar da ambigüidade entre críticas positivas e negativas, os ex-alunos dizem que tudo nela era marcante: desde a aparência física, como veremos, na contramão do perfil estético socialmente cobrado até o tom da voz. Vejamos a expressão de uma aluna que faz coro com muitos outros:

[...] eu não me lembro de D. Candolina zangada, o rosto dela sempre aberto, um riso, uma coisa forte, muito interessante, eu tenho muita saudade dela. Ela tinha uma força, tinha uma maneira de falar, até a voz dela era mais forte do que a dos outros professores.

O conceito de professora à moda antiga, centrado no distanciamento, cobranças quanto ao estudo, à forma dos alunos se apresentarem, de sentarem; a rigidez na avaliação, dentre outros, acompanhou Candolina por toda a vida, entretanto, ela atualizou-se e reconduziu sua prática, em decorrência do seu processo de crescimento, fruto de estudos constantes e de uma abertura para o novo. Passou a ter uma relação aproximada com os alunos, estabeleceu com eles uma cumplicidade que permitia conversas francas, conselhos e ponderações.

No final dos anos 60, quando o país vivia sob a ameaça da ditadura, ela ajudava os alunos em suas lutas políticas, por exemplo, permitia que freqüentassem sua residência e chegava mesmo a ler e corrigir texto de cunho político, redigidos por eles e que seriam divulgados para os colegas e para a sociedade. Como demonstra o depoimento a seguir:

[...] nós encontrávamos na professora Candolina, na casa dela, inclusive, os instrumentos para que nós pudéssemos desenvolver alguma coisa: elaborar panfletos, né? Manifestos, essas coisas que até eram proibidos, ela além de emprestar as máquinas de datilografia, ela emprestava também mimeógrafos, arrumava papel pra gente, e o que era interessante na professora Candolina, é que ela nos estimulava a redigirmos os próprios textos, nós fãmos dela, no início fomos sabendo que ela tinha uma posição clara de combate à ditadura mesmo<sup>7</sup>.

Seus familiares, especialmente as filhas, que a conheciam na sua intimidade, dizem que ela amava todos os alunos, sem distinção. Fossem eles da rede pública ou particular, o tratamento era sempre o mesmo. Os alunos falam que ela era “uma figura

singular”, ora aparentava ser uma velha educadora, ora surpreendia a todos com suas atitudes livres de preconceitos e antenadas com as mais modernas tendências pedagógicas. Quanto à sociedade, que fez um conceito dela a partir do que era revelado publicamente, diz que ela foi: excelente professora de português e extremamente rigorosa. Exigia que os alunos escrevessem corretamente e corrigia com rigor seus erros gramaticais, tanto em sala de aula como fora dela, registrou o jornal *A Tarde*, maior veículo de comunicação do estado da Bahia. Assim como fez, outro jornal de circulação local à época:

[...] era considerada uma educadora de personalidade marcante por todos que a conheceram, que são unânimes em afirmar seu senso de justiça, exercido, às vezes, com boa dose de rigor.<sup>8</sup>

## Cargos Ocupados

Foi diretora fundadora do Colégio Lomanto Júnior, no bairro de Itapuã, em Salvador, num esforço conjunto com a Secretaria de Educação do Estado, visando facilitar os estudos de jovens carentes que precisavam locomover-se do distante bairro até o centro para estudar.

Também fundou e dirigiu os colégios Santo Antonio e o Ginásio João XXIII, foi Vice-diretora do Colégio Severino Vieira e Diretora do GEMPA.

A prática intensa da educadora e, decerto suas tendências e prioridades não a fizeram dedicar-se à produção de conhecimento. Como reflete um ex-aluno da década de 60, em sua análise de hoje:



[...] talvez pela multiplicidade de tarefas que tinha que desempenhar e trabalhou em vários locais, ela não tenha tido tempo, coitada, de formalizar, né, escrever, de deixar assentado o que ela pensava.

## Mulher e educadora

Como vimos em passagens anteriores, Candolina rompeu com muitos princípios socialmente estabelecidos, especialmente aqueles relacionados à condição feminina. Por convicções teóricas testadas na prática, ela ensinava às alunas que as desigualdades entre homens e mulheres eram criações sociais e que as mulheres só reverteriam tal situação, modificando sua forma de pensar sobre elas e colocando em prática, tais pensamentos.

Em relação à situação da mulher, ensinava aos alunos, especialmente às alunas, que elas não eram menos importantes do que os homens, que podiam fazer tudo o que eles faziam e deviam exigir respeito, começando por autovalorizarem-se. Em pleno final da década de 40, ela ensinava isso às suas alunas como indica o depoimento a seguir:

[...] uma coisa que ela sempre despertava em nós, era assim, a mulher se valorizar, ela falava muito, principalmente para as meninas ela se dirigia mandando que a gente se valorizasse mostrando que o homem estava sempre querendo ser superior à mulher e que não era isso, que a mulher tinha o mesmo direito do homem, mas que a mulher precisava valorizar-se”. (Depoimento de uma ex-aluna de 1949 a 1952)

Decerto, como representante de uma época, ela reproduzia muitos valores, dentre eles, os cuidados que as jovens deveriam

ter quanto à sua conduta, em especial, a sexual. Ao ver às alunas do colégio em que dava aulas na cidade baixa, namorando nas imediações, aproveitava não para criticá-las, nem para apontá-las à direção, mas para recomendar cautela e enaltecer o valor do romantismo e da simplicidade. Dentre as recomendações, o papel de mãe era destacado, assim deviam se preservar para o casamento a fim de terem a oportunidade de se realizarem como mulher e mãe.

Suas idéias, ao lado da condição de negra e da postura de sujeito que teimou em exercer, impuseram-lhe muitas dificuldades. Além da reprovação de muitos alunos, da imposição do marido a sociedade não acolheu pacificamente uma mulher que não se curvava diante das convenções.

Então o fato de ser mulher, se por um lado, facilitou a realização dos seus objetivos, uma vez que escolheu uma carreira tida como afeita ao sexo feminino, por outro lado, a dificultou por ela ter se fixado em um nível de ensino considerado de maior valor social, o Médio, e assim, mais apropriado ao sexo masculino. Acresce a isto, sua competência revelada, sua atuação em espaços e posicionamentos ditos masculinos, o fato de ser negra e pobre. Como bem caracteriza o depoimento de um ex-aluno, do final da década de 60:

[...] Professora Candolina era uma pessoa que, ela sofria na pele a discriminação [...] ser pobre, ser negra, mãe de muitos filhos. E, se fossemos definir do ponto de vista estético formal como a gente tem da sociedade, não era uma pessoa bonita, seria considerada feia. E, também ela, por ter sofrido tudo isso, por conviver até com todas as estruturas de um estado como o nosso, com o saber que ela tinha, com o conhecimento que ela tinha, e que foi preterido em muitas

questões, do ponto de vista profissional, pelas posições dentro dessa condição de negra, mulher e pobre.

A professora sabia disso, pesando, sob sua avaliação, muito mais o fato de se achar feia e de ser negra do que o de ser mulher. Essas duas características basicamente anulavam a terceira, pois ser mulher era, a princípio ser bonita, bem cuidada e isso incluía a pele clara. Candolina procurava minimizar seus “defeitos” de nascença com muito estudo, inteligência e competência.

[...] ela dizia que era preta e feia, que tinha que ser muito inteligente para compensar ser feia e preta. (Depoimento de uma ex-aluna particular)

Alguns depoimentos confirmam que essa permuta não foi fácil nem sempre vitoriosa. Houve momentos em que nem o seu conhecimento vasto e reconhecido foi capaz de salvá-la dos preconceitos e suas conseqüências, como relembra o citado ex-aluno da década de 60:

[...] com o conhecimento que ela tinha, e que foi preterido em muitas questões, do ponto de vista profissional, pelas posições dentro dessa condição de negra, mulher e pobre.

## Notas

<sup>1</sup> Ela criou a escola primária Santo Antonio, que foi transferida para a sua residência, a fim de facilitar os estudos de uma das filhas que tinha problemas de saúde o que dificultava freqüentar uma escola comum. Depois fundou o Colégio João XXIII, de nível Secundário. Ambos eram pequenos e não lucra-

tivos, até porque ela não se preocupava com dinheiro e os colégios possuíam grande número de alunos bolsistas.

- <sup>2</sup> Fazia um trabalho com prostitutas que incluía alfabetização e suporte psicológico, a fim de pudermos encontrar outras formas de ganhar a vida, se assim o quissemos.
- <sup>3</sup> Antes de iniciar a carreira como professora de Português, começou a de professora Primária, no município de Paraíso no interior da Bahia, momento em que a professora ocupava um status social que a fazia ser desde educadora a conselheira e médica. Ao chegar em Salvador, diante das necessidades familiares, desviou-se um pouco do seu caminho profissional e ocupou um cargo burocrático na empresa de Águas e Esgoto da cidade de Salvador.
- <sup>4</sup> Ex-alunos, colegas de trabalho e familiares.
- <sup>5</sup> Em nome de um ideal de liberdade e de igualdade social, como vimos anteriormente, a educadora dava apoio às causas políticas dos alunos e chegava a proteger pessoas perseguidas pelo regime militar. A atitude é avaliada hoje, por quem foi protegido por ela naquele momento como de grande coragem, principalmente em se tratando de uma mulher chefe de família, com cinco filhos pequenos para criar.
- <sup>6</sup> Nesse aspecto, ela tinha uma visão muito pragmática. As pessoas deveriam procurar áreas de estudo que fossem prósperas, ou seja, que tivessem mercado de trabalho. Sua expressão quanto a uma área difícil era: “isso não vai dar futuro”.
- <sup>7</sup> O depoente foi aluno da Professora Candolina no ano de 1966 e 1967
- <sup>8</sup> *Jornal Tribuna da Bahia*, 05 de abril de 1973.

A prática docente, mesmo não pressupondo um código deontológico, é regida por normas morais, ou seja, por uma forma de ser e de interpretar o mundo, de se colocar nele e de ensinar seus educandos a se orientarem.

O comportamento ético dos educadores vem sendo ditado pelo Estado através de suas instituições como a igreja, a família e a escola, dentre outras. O fato é que exige do educador não apenas a apropriação de um corpo de saberes, como também, normas morais, pois o ensino não pode consistir apenas em um conjunto de práticas.

Para receber o aval da sociedade quanto ao exercício de uma função que lida com a formação de novos cidadãos, esta vem exigindo que o educador tenha um comportamento ético louvável, mas que não basta o conteúdo, é necessário ser mostrado na prática através do exemplo, da postura e da forma de se apresentar, por exemplo.

Da educadora, a quem tem sido conferido um papel híbrido de mãe e professora, a sociedade tem exigido uma estética que fale da sua ética: simplicidade, sobriedade, bom gosto, asseio e distinção são qualidades essenciais.

Neste capítulo, procuraremos identificar a origem dos valores morais da educadora Candolina, como eles orientavam sua prá-

tica, o que ela pretendia com eles, antes, porém, apresentaremos sua estética, procurando saber se ela seguia o modelo de educadora vigente ou se rompia com os padrões e que conseqüências isto lhe trazia.

## Forma de apresentação

Os dados, principalmente coletados a partir da história oral, apontam para uma pessoa que não se preocupava com a aparência física<sup>1</sup>. Vestia-se não só com simplicidade como também com certo descuido, o mesmo acontecia com os cabelos e sua forma física em geral. O depoimento abaixo, de um aluno da década de 60, caracteriza esse perfil:

[...] tinha dia que Candolina chegava em sala de aula, o cabelo completamente despenteado, era aquela figura gozadíssima, a gente não sabia de onde Candolina tava saindo, se ela tinha saído da cozinha porque como a casa era perto da escola...

As pessoas ao vê-la pela primeira vez sentiam uma certa decepção, pois a partir do nome idealizavam a imagem de uma pessoa vaidosa e encontravam outra, simples e comum. Vejamos como diz a depoente abaixo que foi irmã adotiva da educadora:

[...] se ela chegasse aqui na porta você pensava que era qualquer pessoa, menos a professora Candolina... porque ela fazia questão de ser ela mesma, muito simples mesmo. O nome sim, agora a pessoa não, porque sempre se esperava uma pessoa vaidosa, uma pessoa esnobe, com aquela apresentação e ela era desprovida disso.

A ruptura com o padrão estético que tradicionalmente vem sendo exigido da educadora pela sociedade, era possível ser explicada pelo excesso de trabalho que tinha dentro e fora de casa, mas principalmente porque sabia que a sua competência técnica, moral ilibada e generosidade faziam frente a isso. Dizem que quando alguém lhe chamava atenção quanto à sua aparência, à necessidade de cuidar dos cabelos, ela rebatia dizendo que o que a sociedade precisava era do seu conhecimento e não do seu cabelo, nem da sua aparência, ou seja, ela tinha consciência da sua competência e que a sociedade baiana também, pois a reconhecia e valorizava.

Chegar a esse ponto não foi fácil nem seguiu um caminho linear, ao contrário, foi permeado de críticas, enfrentamentos e desqualificações, pois, além da falta de uma estética coerente com o socialmente esperado, ela era pobre, negra, sem marido e com muitos filhos para sustentar e educar.

### Origem dos seus valores morais

Recebeu forte influência da mãe que, como dissemos, dava grande valor a educação e aos princípios morais. Arelado a isso estava o receio de uma mãe chefe de família, pobre em evitar que as filhas procurassem outros expedientes tais como casamento por conveniência.

Mesmo sendo considerada uma mulher sem preconceitos, a mãe da educadora zelava pela conduta sexual das filhas, interpretada como “moral”. Os namoros eram permitidos desde que na sala da casa e sob os olhos vigilantes da família. Como afirma uma irmã da educadora, lembrando palavras da mãe de ambas:

[...] ela dizia que namorar não era nada de mais, agora o que a gente fazia escondido é que tinha malícia.

Outro ensinamento que fazia parte da base da formação moral da educadora, também vindo da genitora, consistia em não ter apego ao dinheiro nem ao poder, mas em ter uma vida reta, em que tivessem orgulho de apresentar aos outros e a si mesma.

A retidão além de ter sido aprendida por ela e posta em prática em sua vida pessoal, foi uma marca no seu trabalho. Como vimos em todos os momentos, ela procurava ser justa com os alunos, honesta em sua prática e solidária. Além de ensinar pelo exemplo e pelas palavras, usava mecanismos de pressão para evitar práticas que ela julgava antiéticas, como por exemplo, a “pesca”. Convinça os alunos que com essa prática eles estavam sendo desonestos e influenciando os colegas a não estudarem. Também, era injusto que eles tirassem a mesma nota de quem não tinha se esforçado.

Seu ensinamento não consistia em “conselhos” carregados de moralismos, como era comum na prática da maioria das educadoras da época. Eram recomendações que deveriam ser analisadas e internalizadas por eles, apesar de lançar mão de formas para impedir que a pesca fosse realizada, pois não queria ser conivente com ela.

A opção, entretanto, recaía na conscientização, no respeito à igualdade e responsabilidade pelos atos praticados. Como demonstra o depoimento de um ex-aluno, a seguir:

[...] Candolina não era de dar conselhos, não me lembro. Ela não dava conselhos, ela só dizia... ‘você têm de tomar tais e tais dire-



trizes, esses panfletos não têm esse tipo de terminologia. Ela não era disso, era de botar a gente e a criatividade...era uma pessoa de respeitar, estimular a liberdade criadora das pessoas.

Na vida social, sua retidão de caráter e coerente ação se concretizaram através de uma permanente disposição para servir, o que fazia da forma mais real possível, acolhendo pessoas carentes em sua residência e oferecendo-lhes abrigo, até mesmo com o seu sacrifício pessoal e perda do seu conforto e o da família. Os objetivos eram, em princípio, ajudar a quem estivesse necessitando, e num plano mais sutil, conduzir a uma vida mais “digna”. Por exemplo, fazia parte dos seus planos não concretizados aposentar-se para se dedicar a um trabalho com prostitutas da cidade de Salvador. O que a movia, além da solidariedade e da religiosidade, era uma preocupação moral, de recondução daquelas pessoas a uma vida diferente.

Sua forma de ser pode ser resumida nas palavras de um educador que conviveu com ela da seguinte forma:

[...] ah! Ela era essencialmente humana, competente, humana e rigorosa.

Além disso, são traços marcantes da Professora Candolina, como vimos, a simplicidade e a humildade, orientação que havia aprendido principalmente através do exemplo de São Francisco de Assis.

## Notas

- <sup>1</sup> Tal desprendimento com a aparência física deve ter sido decorrente do estilo de vida que passou a ter após o casamento, o nascimento de muitos filhos e a necessidade de trabalhar bastante para sustentá-los, pois as depoentes que a conheceram no início da carreira dizem que ela gostava de se vestir bem, de comprar roupas e gastava tudo o que ganhava com isso e com viagens. Atitudes que recebiam o aval da mãe, chefe de família, que via nisso uma forma da filha conhecer outras pessoas e lugares e adquirir mais conhecimento, segundo ela, fundamental para a vida profissional e pessoal da filha e de qualquer pessoa.

## Referências

- AMORÓS, Célia. *Para uma crítica da razão patriarcal*. Madrid: Antropos Editorial del hombre, 1985.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- BEAUVOIR, Simone. *Moral da Ambiguidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- HYPOLITO, Álvaro L. Moreira. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. São Paulo: Papirus.
- HORTA, José Silvério Baía. *O Hino, o sermão e a ordem do dia*. Educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- MOITA, Maria da Conceição. Percurso de formação e trans-formação. In: NÓVOA, Antonio (Org). *Vidas de professores*. Portugal: Porto editora LTDA, s/d.
- NÓVOA, Antonio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: *Revista Teoria e Educação*, n. 4, 1991.
- PASSOS, Elizete. *Mulheres moralmente fortes*. Salvador: IFB, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Vidas de Professores*, Coleção Ciência da educação. Portugal: Porto Editora Ltda, s/d.w

<i>Formato</i>	14x17 cm
<i>Tipografia</i>	Aldine401 BT e Kabel Md BT
<i>Papel</i>	Alcalino 75 g/m <sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m <sup>2</sup> (capa)
<i>Impressão</i>	Setor de reprografia da EDUFBA
<i>Capa e acabamento</i>	ESB Serviços Gráficos
<i>Tiragem</i>	300 exemplares



## *Dados sobre a autora*

---

**Elizete Passos** é Professora Universitária, pesquisadora e escritora. Licenciada em Filosofia, Mestra e Doutora em Educação, há muitos anos vem pesquisando sobre a educação feminina na Bahia e orientando teses e dissertações sobre o assunto. Acerca da temática, tem vários livros e artigos, destacando-se os seguintes livros: *O feminismo de Henriqueta Martins Catharino*, *Mulheres moralmente fortes*, *De anjos a mulheres*, *A educação das virgens* e *Palcos e platéias*.

ISBN 978-85-232-0648-2



9 788523 206482